Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A DANÇA COMO VIVÊNCIA FORMATIVA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

DANCE AS A FORMATIVE EXPERIENCE IN EARLY CHILDHOOD

LA DANZA COMO EXPERIENCIA FORMATIVA EN LA PRIMERA INFANCIA

Claudilene Castro de Lima
Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas/RS, Brasil
Andrisa Kemel Zanella
Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas/RS, Brasil

Resumo

Este artigo discute a presença da dança na Educação Infantil, a partir de um relato de experiência sobre a prática pedagógica realizada com crianças de 3 e 4 anos, em uma escola pública do município de Pelotas/RS, durante o Estágio Curricular Supervisionado em Dança. A escrita apresenta experiências e aprendizagens construídas no cotidiano, em diálogo com referenciais teóricos que compreendem a dança como possibilidade de ampliação do acesso das crianças à arte, à cultura e às múltiplas formas de expressão. As experiências vividas indicam que a dança, ao mobilizar corpo, movimento, imaginação e saberes construídos nas explorações infantis, constitui-se como linguagem estruturante de conhecimento. Ela é capaz de integrar corporeidade, ambiente e criação, transformando o brincar em território de experiência estética, cultural e de pertencimento.

Palavras-chave: Dança; Educação Infantil; Estágio Curricular Supervisionado.

Abstract

This paper discusses the presence of dance in Early Childhood Education through an experience report of pedagogical practice carried out with 3- and 4-year-old children in a public school in the municipality of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil, during a Supervised Curricular Internship in Dance. The text presents experiences and learning developed in everyday school life, in dialogue with theoretical perspectives that understand dance as a means of expanding children's access to art, culture, and multiple forms of expression. Experiences described indicate that dance, by engaging the body, movement, imagination, and knowledge constructed through children's explorations, constitutes a structuring language of knowledge. It integrates corporeality, environment, and creation, transforming play into a space for aesthetic, cultural, and belonging experiences.

Keywords: Dance; Early Childhood Education; Supervised curricular internship.

LIMA, Claudilene Castro de; ZANELLA, Andrisa Kemel. A DANÇA COMO VIVÊNCIA FORMATIVA NA PRIMEIRA INFÂNCIA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p. 1-24, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Resumen

Este artículo analiza la presencia de la danza en la Educación Infantil desde un relato sobre la práctica pedagógica, realizada con niños de 3 y 4 años en una escuela pública del municipio de Pelotas/RS, durante una Pasantía Curricular Supervisada en Danza. El texto presenta experiencias y aprendizajes construidos en la vida cotidiana, en diálogo con marcos teóricos que entienden la danza como posibilidad para ampliar el acceso de los niños al arte, la cultura y las múltiples formas de expresión. Las experiencias vividas indican que la danza, al movilizar cuerpo, movimiento, imaginación y conocimiento construido en las exploraciones infantiles, constituye un lenguaje estructurador del conocimiento. Ella es capaz de integrar corporalidad, entorno y creación, transformando el juego en un territorio de experiencia estética, cultural y de pertenencia.

Palabras clave: Danza; Educación Infantil; Pasantía docente supervisada.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir a dança no contexto da Educação Infantil, tendo como foco a prática pedagógica realizada com crianças pequenas, com idades entre 3 e 4 anos, do Maternal II, em uma escola pública do município de Pelotas/RS, durante dois meses e meio, no ano de 2024. Caracteriza-se como um relato de experiência pedagógica, de abordagem qualitativa e natureza reflexiva, desenvolvido a partir do Estágio Curricular Supervisionado em Dança na Educação Infantil, do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.

Optamos por adotar uma escrita em primeira pessoa do plural, articulando prática docente, reflexão teórica e análise do que foi vivido e sentido ao longo do processo, a partir das práticas pedagógicas que foram planejadas semanalmente e registradas por meio de anotações no diário do estágio e registros fotográficos e de vídeo utilizados exclusivamente para fins pedagógicos e analíticos, preservando a identidade das crianças.

A análise empreende-se a partir da reflexão e discussão teórica com Almeida (2021) e Andrade (2016), buscando compreender como a dança se manifesta, se reinventa e se fortalece no cotidiano da primeira infância, valorizando-a como linguagem artística que se sustenta em si mesma. Em outras palavras, ela “possui

REVISTA DA FUNDARTE

saberes próprios, e que traz aspectos da criação, imaginação, fruição, expressão, entre outros que podem ser experimentados por meio do corpo que dança" (Andrade, 2016, p. 125).

No descrever a prática, destacamos um caminho de atuação que vai ao encontro dos direitos da criança, tal como orientam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) e o Documento Orientador Municipal (DOM) (Pelotas, 2020). Nosso propósito é visibilizar como a vivência da dança na escola de Educação Infantil potencializa o acesso à arte, à cultura e às múltiplas formas de expressão, reconhecendo-as como dimensões constitutivas da experiência estética e cultural, bem como do desenvolvimento e da aprendizagem integral das crianças.

Ao trazer a infância para o centro da discussão e assumir a dança como investigação, apostamos em uma prática pedagógica que amplia modos de perceber, sentir e imaginar o mundo. Nesse sentido, também desejamos ampliar o olhar para a formação docente, reafirmando a importância de uma docência que se deixa atravessar pelo corpo, pelos gestos e pelas narrativas que as próprias crianças produzem ao dançar.

Para melhor compreensão da prática realizada, o artigo está organizado em três eixos temáticos. No primeiro eixo, discutimos a prática pedagógica, seus desafios e descobertas ao longo do processo vivido, apresentando as vivências propostas articuladas à reflexão teórica sobre a importância da dança na Educação Infantil. Nesse percurso, dialogamos com as autoras acima mencionadas e referências que oferecem sustentação crítica à experiência. No segundo eixo, trazemos as contribuições do estágio para um olhar mais atento às singularidades das crianças e para o fortalecimento das relações entre dança, Educação Infantil e prática docente. Destacamos, ainda, o quanto essa experiência é formativa, ampliando aprendizagens práticas e teóricas que enriquecem a atuação profissional. Por fim, no terceiro eixo, refletimos a dança como conhecimento e evidenciamos sua potência pedagógica e inclusiva. Além de reconhecer os desafios para sua legitimação no currículo escolar.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Quando o corpo brinca e cria: a dança na Educação Infantil

Neste momento do texto, apresentamos as vivências realizadas com as crianças ao longo do estágio, entendendo-as como movimento formativo e como espaço propício de experimentações na docência em dança na Educação Infantil. A prática pedagógica foi concebida a partir de propostas semanais que, ao serem vividas, sentidas e reelaboradas, foram materializando uma sequência didática construída no próprio percurso. Assim, o que vem a seguir não é apenas um conjunto de dinâmicas dançantes, mas um processo que se constituiu na relação com as crianças, com os espaços da escola e com as perguntas que emergiram a cada encontro.

Começamos com *Chegou o boitatá*, que se estruturou com práticas que as crianças já vinham desenvolvendo em alusão à Semana do Folclore[1]. Este foi o primeiro contato com a turma. Considerou-se mais pertinente a realização de vivência inicial, de caráter exploratório, sem um planejamento fixo ou detalhado.

A vivência pedagógica, centrada na lenda do Boitatá[2], articulou diferentes linguagens artísticas. As crianças iniciaram com uma cantiga de roda, abrindo espaço para o corpo coletivo em movimento. Em seguida, houve a apreciação de um material audiovisual sobre a lenda, ampliando o repertório imagético e narrativo. Depois, quatro Boitatás confeccionados com TNT, EVA e outros materiais foram apresentados ao grupo. As crianças puderam interagir com os personagens, colocando a cabeça na estrutura e experimentando gestualidades dançantes. Essa possibilidade de incorporação da figura do Boitatá despertou curiosidade, fantasia e encantamento, resultando em intensa participação, risos e invenções corporais.

[1] A Semana do Folclore, realizada no mês de agosto, em torno do Dia do Folclore (22 de agosto), valoriza e vivencia as manifestações da cultura popular brasileira no contexto escolar. Apresenta às crianças histórias, brincadeiras, músicas e tradições, ampliando o repertório cultural e simbólico. Promove o reconhecimento da diversidade e das origens culturais, integrando ludicidade, conhecimento e pertencimento.

[2] O Boitatá é uma das lendas mais antigas do folclore brasileiro, originária da tradição indígena. Descrito como uma gigantesca cobra de fogo com olhos brilhantes, ele atua como o grande guardião das florestas, protegendo os animais e punindo aqueles que provocam incêndio e destroem o ambiente. A lenda está disponível em: https://turmadofolclore.com.br/a-turma-boitata/.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A experiência mostrou como a dança, aliada à música, ao vídeo e à materialidade de objetos cênicos, pode transformar uma lenda do folclore brasileiro em uma experimentação lúdica, sensorial e profundamente significativa. A interatividade dos materiais, somada à liberdade exploratória, potencializou o engajamento espontâneo das crianças e favoreceu um modo de aprender.

Na proposta seguinte, *Pequenos dançantes exploradores*, nasceu de um plano que buscava integrar movimento, imaginação e descoberta, convidando as crianças a assumirem o papel de exploradoras e descobrirem o *mundo das formigas* (Figura 1). A partir dessa preparação, seguimos para o pátio, onde a turma pôde investigar o ambiente com o corpo todo: olhar atento, pés curiosos, gestos que revelavam surpresa e atenção. A busca pelas formigas no pátio expandiu ainda mais as possibilidades educativas: permitiu que as crianças relacionassem o formigueiro à ideia de família, articulando o tema com os fatores do movimento (Laban, 1990) e com vivências já presentes na rotina escolar. Nesse atravessamento entre natureza, corpo e imaginação, a dança emergiu como linguagem capaz de ampliar sentidos e produzir aprendizagens significativas.

Figura 1 – Explorando o mundo das formigas



Fonte: acervo pessoal das estagiárias.

REVISTA DA FUNDARTE

Os corpos moveram-se como formigas, os passos tornaram-se trilhas e o pátio transformou-se em território simbólico. A vivência consolidou-se como um potente exercício de docência, articulando curiosidade, observação, ação corporal e narrativa, elementos que enriqueceram a aprendizagem e fortaleceram vínculos entre corpo, natureza e cotidiano.

Na sequência, encontramos uma árvore onde formigas transportavam folhas. As crianças aproximaram-se em roda e observaram com atenção aquele movimento minucioso, sendo convidadas a refletir sobre a potência desses insetos que, mesmo tão pequenos, carregam folhas muito maiores que seus próprios corpos. Esse momento, simples e cotidiano, converteu-se em um potente disparador de curiosidade e cuidado, elementos fundamentais para uma docência em Dança que se constrói a partir do olhar atento e das relações que as crianças estabelecem com o mundo.

Após as explorações iniciais, desenvolvemos uma sequência de dinâmicas musicais no pátio. As crianças dançaram a música *A formiguinha subiu no meu pé*, repetindo a coreografia duas vezes, o que ajudou a fortalecer a relação entre corpo e ritmo. Em seguida, com *Quando vê uma careta*, exploramos movimentos rápidos e lentos[3], inspirados em Laban (1990), incentivando-as a perceber suas qualidades e a brincar com as imagens dos animais citados na canção. Por fim, com *As formigas marcham*, marcharam em fileiras, conectando à temática da Pátria[4], outra proposta do calendário escolar, fazendo relação com as imagens de formigas em grupo, carregando folhas e organizando-se coletivamente. Esse momento foi oportuno para abordar noções de espaço, direção, tempo e colaboração.

Ao final da aula, diante de um conflito entre as crianças, propôs-se um abraço coletivo, instituindo essa dinâmica como um gesto de encerramento para todos os encontros, em consonância com o campo de aprendizagem *O Eu, o outro e o nós*[5]

[3] Movimentos rápidos e lentos para Laban (1990) relacionam-se ao fator Tempo. Os movimentos rápidos (súbitos) expressam urgência, prontidão e decisões imediatas. Já os movimentos lentos (sustentados) revelam continuidade, cuidado e maior percepção do percurso do movimento. Mais do que indicar velocidade, essas qualidades expressam diferentes intenções e modos de agir no mundo.

[4] A temática da Pátria na Educação Infantil apresenta-a como espaço de vida, construído por pessoas, histórias e culturas. Favorece o reconhecimento das diferenças, o pertencimento e valores de convivência e cidadania. Vai além de datas comemorativas, fortalecendo vínculos e aprendizagens contínuas.

[5] "O eu, o outro e o nós" é um dos cinco campos de experiência da Educação Infantil previstos na BNCC (BRASIL, 2017). Nesse campo, são valorizadas as interações e as experiências de

(Brasil, 2017), enfatizando o respeito mútuo, a empatia e a compreensão dos sentimentos do outro.

O que será que será que tem no fundo do mar? As crianças foram convidadas a formar um círculo e partilhar o que conheciam ou imaginavam sobre o fundo do mar, mobilizando seus repertórios sobre a temática da semana. As falas espontâneas sobre peixes, tartarugas e outros animais marinhos foram o ponto de partida para a vivência. A cantiga de roda *A onda do mar*[6] deu continuidade à articulação entre música e movimento, que atravessou as propostas anteriores. Ao cantar e escutar a canção, as crianças criaram uma gestualidade inspirada no fluxo da música, reafirmando a dança como mediadora da experiência estética e como linguagem que favorece a percepção e expressão corporal.

O *Túnel Fundo do Mar* (Figura 2), confeccionado com TNT e bambolês, aprofundou a exploração simbólica sobre a temática. As imagens de animais marinhos presentes no interior do túnel ampliaram as possibilidades de investigação, convidando as crianças a corporificarem esse universo por meio de deslocamentos, gestualidades e posturas que dialogam com outros experimentos já realizados no decorrer das aulas.

Todo o processo articulou-se de modo fluido às vivências e à perspectiva de que a dança não é apenas movimento, mas uma forma de conhecer, imaginar e criar. O encontro entre música, exploração lúdica e corporeidade reforçou o lugar dança na Educação Infantil, situando esse experimento como continuidade consistente do trajeto já desenvolvido com o grupo.

convivência que contribuem para a construção da identidade, da autonomia e das relações sociais das crianças.

[6] A canção *A onda do Mar* - Formiga Balão, está disponível no seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=jeYzm8LVC1M

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 2 – Túnel do Fundo do Mar



Fonte: acervo pessoal das estagiárias.

A busca pelo *Peixe Fujão* ampliou ainda mais o caráter investigativo e lúdico da proposta, articulando continuidade narrativa e movimento. Ao deslocarmo-nos pela escola, as crianças reativaram elementos já vivenciados no túnel, mobilizando gestos, ritmos e modos de explorar o espaço. A caminhada tornou-se, assim, uma pequena expedição performativa, em que cada passo parecia carregado do encantamento produzido pelo mergulho simbólico no fundo do mar.

A música *Peixe Vivo*, cantada por Sandra Peres e Paulo Tatit da *Palavra Cantada*[7], atuou como fio condutor dessa busca, evidenciando a dança e a musicalidade como mediadoras da aprendizagem educativa. A interação entre corpo, voz e fantasia ativou modos de participação que ultrapassaram o simples cumprimento da tarefa. As crianças engajaram-se na busca com empolgação e intensidade, demonstrando envolvimento afetivo com a narrativa criada. Aquelas que habitualmente participavam de forma mais discreta encontraram lugar de pertencimento e expressão, reafirmando a importância de criar ambientes pedagógicos que convoquem diferentes possibilidades de estar no mundo.

Ao final da procura, o reencontro com o *Peixe Fujão* não representou apenas a resolução da história, mas a consolidação de um percurso marcado pela imaginação, pela sensibilidade e pela expressão corporal. Essa sequência contribuiu para fortalecer vínculos, ampliar repertórios, e ainda evidenciar, no cotidiano da

[7] Música Peixe Vivo: Obra de domínio público – adaptação de Sandra Peres e Paulo Tatit. Parte do DVD "Cantigas de Roda" (2015), da Palavra Cantada. Produção: Pulo do Gato Animação. Direção e arte: Bianca Viano. Animação: Mao Ambrósio. 2016. Duração 1:38. Disponível em: https://youtu.be/a6rT0x4ZSj4?feature=shared

REVISTA DA FUNDARTE

Educação Infantil, que a dança pode se constituir como eixo estruturante de aprendizagens significativas.

Explorando o mundo dos caracóis foi outra proposta que ampliou o percurso já instaurado com o grupo. As crianças foram instigadas a ingressar em uma atmosfera que abriu espaço ao faz de conta, transformando-se em *caracóis encantados*, e a partir dessa narrativa, puderam investigar diferentes possibilidades: deslizaram pelo chão, balançaram os braços como folhas e mobilizaram o corpo de forma fluida, inspiradas na queda da água de uma cachoeira. Essa vivência potencializou a exploração corporal e a criatividade, permitindo que investigassem diversas qualidades de movimento e diferentes níveis espaciais[8] (Figura 3), dialogando diretamente com os princípios de Laban (1990).

Figura 3 – Explorando os níveis



Fonte: acervo pessoal das estagiárias.

[8] Segundo Laban (1990), as qualidades de movimento correspondem às diferentes maneiras de executar uma ação, expressando intenções, emoções e atitudes por meio dos fatores tempo, peso, espaço e fluxo. Já os níveis espaciais referem-se às diferentes alturas ocupadas pelo corpo no espaço: alto (movimentos elevados), médio (posição habitual em pé) e baixo (movimentos próximos ao chão). Esses níveis ampliam as possibilidades expressivas e favorecem a exploração do espaço corporal, contribuindo para a diversidade e a riqueza do movimento.

REVISTA DA FUNDARTE

Posteriormente, retomaram-se as cantigas de roda[9] trabalhadas anteriormente e que se articulavam à narrativa do Boitatá, conforme pedido das crianças, que gostariam de vivenciar novamente essa proposta. A cantiga operou como elemento de transição entre os experimentos já vivenciados e a preparação para o surgimento de um novo personagem a ser explorado nas próximas aulas. Essa continuidade narrativa favoreceu o engajamento das crianças, que reconheceram, no canto e na ação corporal, uma forma de dar sentido ao que vinham construindo coletivamente.

Para aprofundar o conhecimento que foi sendo construído em cada aula, apresentamos às turmas o *Mapa Mágico da Dança* (Figuras 4 e 5), elaborado como recurso visual para integrar as descobertas realizadas nas aulas. Cada criança recebeu uma lupa personalizada, que pintou e identificou com seu nome. Com esse material, observaram o mapa e passaram a colar os animais explorados nas aulas anteriores, organizando suas próprias trajetórias dentro do universo que vinham criando. A vivência reforçou o vínculo entre corporeidade e memória, ao mesmo tempo em que valorizou o protagonismo infantil no registro das experiências.

Figura 4 – Mapa Mágico da Dança



Fonte: acervo pessoal das estagiárias.

Essas experimentações fortaleceram o projeto como um campo de investigação corporal e simbólica. Ao transitarem entre caracóis, cantigas, criaturas mágicas e mapas imaginários, as crianças ampliaram repertórios expressivos,

[9] O Caracol - Turma de Caracol está disponível no endereço: https://youtu.be/trYBgOzSsmY?feature=shared.

REVISTA DA FUNDARTE

ativaram a lembrança do que foi trabalhado nas aulas e fortaleceram a dança como linguagem artística que articula exploração, narrativa e sensibilidade.

Figura 5 – Observando o Mapa Mágico da Dança



Fonte: acervo pessoal das estagiárias.

Outro disparador para a exploração corporal foi *O Tapete Mágico* (Figuras 6 a 10). As crianças mantiveram o foco por um período significativamente mais longo, revelando envolvimento crescente com as dinâmicas da aula. Investigaram diferentes maneiras de percorrer o tapete, alternando entre deslocamentos na ponta dos pés e caminhadas com os pés lado a lado, o que ampliou a percepção dos níveis, das qualidades de movimento e do uso do espaço.

Figuras 6 a 10 – Tapete Mágico





REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868



Fonte: acervo pessoal das estagiárias.

Explorando movimentos dançantes com o paninho mágico deu continuidade ao percurso já experimentado, mas desta vez com a turma completa. A ampliação do número de crianças trouxe novos desafios e possibilidades, mantendo a coerência com a sequência pedagógica construída até então. A participação ativa do grupo permitiu observar nuances importantes da rotina, do engajamento e das formas singulares de expressão que emergem no contexto da Educação Infantil.

Percebeu-se a necessidade de estratégias individualizadas para dois alunos com especificidades registradas em laudo: um que buscava permanecer no colo de uma das professoras, e outro que chorava e se escondia debaixo da mesa. Com paciência e apoio da equipe, foi possível acolher essas demandas específicas e, ao mesmo tempo, garantir a continuidade da proposta para toda a turma. Apostar em uma ação individualizada dentro de um trabalho coletivo demonstra a importância de práticas sensíveis, flexíveis e atentas às singularidades de cada criança.

Esse quesito requer uma pausa reflexiva. A inclusão na escola, neste caso específico em uma aula de dança, não se efetiva apenas pela participação das crianças nas vivências propostas. São necessárias formação docente contínua, atenção às especificidades presentes na turma e, acima de tudo, condições institucionais que sustentem práticas realmente inclusivas, tanto em termos de infraestrutura quanto de recursos humanos. Sem esses elementos, exclusões sutis podem ser reproduzidas, mesmo em contextos que buscam promover participação e pertencimento.

A *Dança das Poses nas cadeiras* (Figura 11) foi um jogo que exigiu adaptação a uma regra distinta do habitual: levantarem-se para realizar as poses,

REVISTA DA FUNDARTE

em vez de permanecerem sentadas. A mudança, ainda que simples, produziu novos desafios e expandiu o repertório motor, convocando atenção, prontidão e capacidade de responder criativamente às instruções. Essa etapa da aula emergiu como um *plano B*," construído a partir da observação do grupo e da necessidade de preencher os 90 minutos destinados ao encontro, que foi recebida com entusiasmo, demonstrando a relevância de ajustar as dinâmicas às reações e comportamentos dos pequenos e das pequenas. Destaca-se a evolução de uma das crianças com especificidades, que anteriormente participava pouco, mas que, nessa aula, envolveu-se integralmente na *Dança das Poses nas cadeiras*, evidenciando avanço significativo em seu engajamento e abertura para a experiência corporal.

Figura 11 – Dança das cadeiras



Fonte: acervo pessoal das estagiárias.

A *Caixa dos Movimentos*, em que cada criança retirava individualmente uma cartinha e executava o movimento indicado, também mobilizou os pequenos e as pequenas, que demonstraram grande envolvimento e colaboração. A proposta mostrou-se inclusiva, na medida em que aquelas crianças que apresentavam laudos encontraram espaço de participação e pertencimento, evidenciando o potencial da dança como linguagem que amplia formas de expressão e interação.

Foi realizado também um relaxamento, em que as crianças se deitaram no tapete, fecharam os olhos, ouviram música calma e imaginaram estar sobre uma

REVISTA DA FUNDARTE

grama macia, movendo-se lentamente, conforme as orientações. Em seguida, levantaram-se de forma gradual, alongaram os ombros e pescoço, e prepararam-se para a rotina do almoço. Esse momento de desaceleração mostrou-se fundamental para reorganizar o corpo e favorecer a transição para a próxima atividade da rotina.

A compreensão de que as crianças "constroem seus saberes de maneira diferente da nossa, pelo fato de possuírem um modo peculiar de ser, estar e perceber a si e seu contexto" (Almeida, 2021, p. 69) orienta a forma como observamos e interpretamos esses processos. No caso das crianças com especificidades, essa construção assume contornos ainda mais singulares. Reconhecer tais nuances, acompanhar a evolução individual e sustentar práticas atentas e sensíveis são aspectos fundamentais para o nosso desenvolvimento enquanto futuras docentes. As vivências *Explorando movimentos dançantes com o paninho mágico*, *Dança das Poses nas cadeiras* e *Caixa dos Movimentos* reafirmam que a dança, quando articulada ao cuidado e à escuta, constitui-se como um campo fértil para inclusão, criação e crescimento compartilhado.

A boa aceitação das vivências evidencia o quanto a flexibilidade pedagógica é fundamental na Educação Infantil. Repensar estratégias, reorganizar tempos e introduzir improvisações coerentes com o percurso já em andamento permitiram que o grupo permanecesse engajado, e que a dança continuasse operando como território de descobertas, relação e expressão.

Uma questão relevante a destacarmos é que, ao longo do estágio, ficou evidente que nem sempre propostas fundamentadas na ludicidade e na imaginação se traduzem automaticamente em processos formativos. A mediação docente, bem como a organização do tempo e espaço, juntamente com as condições proporcionadas pela instituição, influenciam de forma direta na qualidade das vivências. Dessa maneira, falar em ensino da dança na Educação Infantil nos convoca a constantemente negociar entre planejamento e imprevisibilidade, criação e intencionalidade pedagógica.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 12 – Abraço amoroso



Fonte: acervo pessoal das estagiárias.

Essa última imagem (Figura 12) traduz o sentimento que atravessou e ficou da prática docente em dança no estágio, reafirmando reflexões que ganham ainda mais força quando retomamos Almeida (2021). Para a autora:

> [...] a diferença na relação com o tempo de crianças e adultos/as. Nossa referência pauta-se na produção, na aula que está terminando, na angústia se a criança vai concluir a atividade proposta; buscamos o resultado, e para que essa gente de pouca idade atinja-o, mostramos os caminhos que aceleram e "facilitam" o que esperamos como resposta. Será que agir dessa maneira contribui com o aprendizado das crianças e com o nosso? O tempo da infância é o de estar inscrito consigo mesmo no instante presente; é o de experimentação da vida no aqui e agora, vivenciando em plenitude. (Almeida, 2021, p. 76).

As palavras da autora expressam, com profundidade, aquilo que deve orientar a prática docente na Educação Infantil. Respeitar o tempo da criança precisa constituir o nosso principal objetivo: reconhecer sua ludicidade, seu momento de experimentação, suas escolhas, seu modo singular de ser e sua especificidade. Ao nos abrirmos a esse entendimento, também transformamos nossa própria relação

com o ensinar e com o aprender, compreendendo que a primeira infância pede presença, escuta e espaço para viver o instante em plenitude.

Reflexões sobre a Dança na Educação Infantil: entre brincar, criar e aprender

O universo da criança pequena é um espaço repleto de curiosidade e aprendizado contínuo. Com a dança, ela pode imergir nesse mundo, expressar-se livremente, experimentar e explorar diferentes possibilidades de movimento, além de perceber a si e ao/a outro/a. Essa linguagem incentiva a imaginação por meio do lúdico, oportunizando à criança "representar a realidade e as experiências por ela adquiridas, viabilizando, assim, a construção de novos conhecimentos e a apropriação dos já instituídos" (Pelotas, 2020, p. 65). A partir dessa experiência, construímos reflexões que dialogam tanto com a prática pedagógica quanto com referenciais teóricos, permitindo compreender como a dança se manifesta, se reinventa e se fortalece no cotidiano da Educação Infantil.

Dentro dos campos de experiências determinados pela BNCC (Brasil, 2017) e presentes no DOM[10] (Pelotas, 2020), entendemos que a Dança se encontra no Corpo, gestos e movimentos, considerando que, "na Educação Infantil, o corpo é integrante privilegiado das práticas pedagógicas. Desde cedo, as crianças exploram os objetos do seu entorno, o espaço e o mundo, tornando-se, progressivamente, conscientes da sua corporeidade, de suas sensações e necessidades, potencialidades e limites". (Pelotas, 2020, p. 70).

Ao evidenciarmos esse alinhamento, destacamos um caminho de atuação na Educação Infantil que vai ao encontro dos direitos da criança, especialmente no que diz respeito aos direitos de explorar, expressar-se, participar, conviver e criar, a partir de vivências que desenvolvem a coordenação motora, o foco, a atenção, o ritmo, a ampliação do repertório artístico, entre outros aspectos.

A dança desempenha função pedagógica específica na Educação Infantil, permitindo que a criança, ao explorar sua gestualidade, avance na conscientização

[10] Ao longo do texto, utilizam-se as siglas BNCC e DOM para se referir, respectivamente, à Base Nacional Comum Curricular e ao Documento Orientador Municipal de Pelotas. As denominações completas dos documentos, acompanhadas de suas respectivas siglas, foram apresentadas em sua primeira ocorrência, optando-se posteriormente pelo uso das siglas para evitar repetições e conferir maior fluidez à escrita.

REVISTA DA FUNDARTE

do próprio corpo, desenvolvendo e aprimorando suas habilidades de movimentação, ao mesmo tempo em que descobre novos espaços e formas. Além disso, ela contribui para superar limitações e oferece condições para enfrentar novos desafios nos aspectos motores, sociais, afetivos e cognitivos, permitindo que os pequenos e as pequenas explorem suas curiosidades e encontrem respostas por si mesmos/as. Esse processo é essencial para o desenvolvimento de pessoas autônomas e autocríticas, capazes de pensar e agir de forma independente.

Fica evidente o quanto a presença da dança na Educação Infantil é importante para o desenvolvimento da criança nessa fase, especialmente por meio de vivências pedagógicas que valorizem a ludicidade e promovam a criação e a interação no processo de brincar e experimentar. É necessário e importante compreender que a aprendizagem e o ensino ocorrem de maneiras diferentes para cada uma, especialmente quando relacionados às diversas faixas etárias.

Libanio Dantas de Araujo e Finco (2025, p. 06) afirmam que:

> Tomar a criança como ponto de partida, inclui compreender que para ela conhecer o mundo envolve o afeto, o prazer e o desprazer, a fantasia, o brincar e o movimento, a poesia, as ciências, as artes plásticas e dramáticas, a linguagem, a música e a matemática. Para ela, a brincadeira é uma forma de linguagem, assim como a linguagem é uma forma de brincadeira (Kuhlmann Jr., 1999). Significa pensar na construção de um currículo para a Educação Infantil, enquanto primeira etapa da educação básica, como articulador dos saberes e experiências das infâncias com o patrimônio científico, artístico, tecnológico e cultural na construção de suas identidades.

A partir de vivências brincadas que conduzam as crianças a explorar a coordenação motora, as noções espaciais, a musicalização, entre outros aspectos, podemos inserir a dança nessa faixa etária como um processo voltado à ampliação do repertório corporal, com movimentações fluidas e não pré-determinadas, favorecendo percursos singulares e resultados que se constroem em médio e longo prazo, de acordo com as necessidades de cada uma. As aulas nessa fase também podem incluir jogos dançantes, nos quais se exploram diferentes signos que compõem essa linguagem, como o corpo, o espaço, o ritmo, as relações, as dinâmicas do movimento e as ações corporais. Tais recursos favorecem uma experiência mais ampla e sensível com a dança, possibilitando que as crianças

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

ampliem suas formas de expressão e consolidem repertórios corporais de maneira significativa. Através do jogo, a criança é a intérprete principal da ação.

Para Andrade (2016, p. 183),

> O jogo é um meio para se chegar à dança. Nesse sentido, o jogo aplicado aos processos de ensino e aprendizado da Dança abrange o caráter lúdico, com um propósito, uma intenção, que pode estar relacionada à investigação e criação de movimento, à composição, à criação de uma coreografia, de um espetáculo, de uma cena, entre outras finalidades que podem se alterar conforme cada situação planejada pelo professor em acordo com as crianças.

Conforme a ideia da autora, compreendemos que a aula de dança possibilita explorar a espontaneidade por meio do corpo, constituindo-se como espaço privilegiado, em que essa linguagem, para além de uma simples aprendizagem de habilidades físicas, revela e potencializa a criatividade e a liberdade gestual. O jogo, por sua vez, introduz o elemento do imprevisível, permitindo a criação e a recriação de movimentos, ampliando as possibilidades expressivas e sensíveis das crianças. Dessa forma, nesse contexto também pode ocorrer a improvisação, que para Andrade (2016, p. 184), "pode ser entendida como um jogo que possui entre seus propósitos estimular a invenção de movimentos, além de se configurar como recurso para o ensino na Educação Infantil".

Podemos perceber que, no terreno movediço da infância, dançar, no sentido amplo do termo, para a criança pequena, envolve aspectos da ludicidade relacionados à imaginação e à imitação, que se concretizam por meio de brincadeiras, jogos e improvisações como recursos pedagógicos, funcionando como caminhos para chegar à dança (Andrade, 2016). Assim, salientamos que a prática pedagógica em dança contemplou a formação artística dos pequenos e das pequenas, entendida como a vivência do processo criativo e a ampliação do repertório estético e expressivo, potencializando o acesso à arte, à cultura e às múltiplas formas de expressão, reconhecendo-as como dimensões constitutivas do desenvolvimento e da aprendizagem integral das crianças. Portanto, compreendemos que a presença da Dança na Educação Infantil reverbera para além do momento vivido, contribuindo para formar sujeitos sensíveis, criativos e culturalmente participantes.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Mesmo diante dessas potencialidades, é necessário frisar que sua presença no contexto escolar nem sempre se efetiva de forma consistente. Apesar dos avanços e conquistas da área, a dança ainda ocupa, em muitos contextos escolares, um lugar secundário em relação a outras áreas do conhecimento, ou mesmo nem está presente, restringindo-se, por vezes, a datas comemorativas. Sua dimensão estética, cognitiva e cultural tende a ser subestimada, reforçando a necessidade de continuarmos lutando e aprofundando discussões sobre a dança como campo de conhecimento na formação das crianças, seja da primeira infância ou não.

Sentidos da experiência: o que revela a prática em Dança na Educação Infantil

Ao narrarmos a prática, evidenciamos um percurso de atuação na Educação Infantil que se alinhou aos direitos da criança previstos na BNCC (Brasil, 2017) e no DOM (Pelotas, 2020), especialmente no que tange ao direito de explorar, expressar-se, participar, conviver e criar. Buscamos demonstrar como a experiência vivida potencializou o acesso à arte, à cultura e às diversas formas de expressão, reconhecendo-as como dimensões constitutivas do desenvolvimento e da aprendizagem integral.

As vivências partilhadas permitiram compreender a dança como conhecimento, tal como defendem Andrade (2016) e Almeida (2021), ao apontarem que o corpo que brinca e imagina produz saberes próprios, vinculados à criação, à fruição e à expressividade. O jogo, a improvisação e a ludicidade revelaram-se dispositivos pedagógicos potentes, pois mobilizaram a corporeidade infantil como forma de pensamento, possibilitando que investigassem o mundo e construíssem sentidos por meio do movimento.

A presença da improvisação e do caráter imprevisível do jogo, conforme propõe Andrade (2016), evidenciou que a dança na primeira infância, contexto deste texto, especificamente, constitui-se como território aberto, no qual a criança assume o lugar de intérprete e autora de suas ações corporais. Tal perspectiva dialoga com Laban (1990), ao reconhecer que qualidades de movimento, espacialidades e ritmos, além de desenvolverem habilidades motoras, também organizam modos de perceber e habitar o mundo, ampliando repertórios que se tornam base para aprendizagens posteriores.

Além disso, ao articular corpo e imaginação, bem como saberes infantis, a dança mostrou-se fundamental para a formação artística e cultural, uma vez que possibilitou o contato com diferentes linguagens, narrativas e modos de criação presentes no imaginário social. A experimentação com materiais diversos, músicas, histórias, elementos naturais e objetos cênicos favoreceu processos de apreciação, criação e fruição artística, constituindo um repertório sensível que ultrapassa a dimensão motora e alcança a construção de identidade cultural. Assim, contribuiu para o aprendizado de movimentos, e ainda, que se reconhecessem como sujeitos culturais capazes de produzir arte e participar de práticas estéticas socialmente compartilhadas.

As interações com espaços e elementos naturais reforçaram as contribuições de Piorski (2016), quando considera que a relação sensível com a materialidade do mundo amplia repertórios simbólicos e imaginativos. Nesse processo, a dança atuou como elemento que favorece que o brincar se torne fonte de criação estética, cultural e de pertencimento.

Observamos, ainda, que a prática desenvolvida evidenciou a importância de uma pedagogia inclusiva, na qual essa linguagem se coloca como possibilidade concreta de participação de todos e todas, independentemente de suas especificidades. A dimensão corporal, ao permitir múltiplas formas de expressão e comunicação não verbal, mostrou-se fundamental para acolher diferentes modos de ser e estar no mundo, legitimando identidades e fortalecendo vínculos.

Mesmo com a BNCC (Brasil, 2017) e outros documentos que orientam o currículo e as práticas pedagógicas nas escolas de nosso país, ainda enfrentamos desafios significativos para legitimar a presença da dança no contexto escolar. Tais desafios atravessam tanto a formação de professores quanto a compreensão de que a dança constitui um conhecimento fundamental e imprescindível na Educação Básica, demandando investimentos contínuos.

Ao articular teoria e prática, a experiência analisada evidencia que, quando assumida como eixo pedagógico, a dança transforma o cotidiano escolar, ressignifica relações e possibilita aprendizagens que reverberam para além do momento vivido, consolidando-se como dimensão essencial da formação artística, cultural e humana das infâncias. Nesse sentido, torna-se relevante publicizar esta

experiência, desenvolvida em escola pública, evidenciando suas contribuições, mas também tensionamentos e desafios enfrentados.

Os resultados indicam que a consolidação da Dança no espaço escolar depende não apenas de sua potência pedagógica, evidenciada ao longo do texto, mas de políticas formativas consistentes e reconhecimento institucional que ampliem as condições pedagógicas, incluindo a nomeação de recursos humanos para assegurar sua presença contínua na escola.

Diante disso, cabe ressaltar que mais do que apresentar a dança na Educação Infantil, nossa intenção foi chamar atenção para a necessidade de um diálogo ampliado entre práticas escolares e políticas educacionais, tensionando concepções historicamente responsáveis por colocar essa linguagem em um segundo plano no currículo.

Referências:

ANDRADE, F. de S. **Dança para criança: uma proposta para o ensino de dança voltada para a educação infantil**. 2016. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9540ce15-cb8f-4293-a68b-2661b63c7255/full. Acesso em: 10 fev. 2026.

ALMEIDA, F. de S. Dando asas à imaginação: atravessamentos entre dança, infâncias e educação. **Revista Digital do LAV - Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 68-82, 2021. DOI: https://doi.org/10.5902/1983734865528.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. Organização do espaço e do tempo na educação infantil. *In*: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. (org.). **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.

BATISTA, N. C.; BRISOLARA, L. M. A.; GOMES, C. A. dos S. Dança e inclusão social: limites e possibilidades. **Interação - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Varginha, v. 25, n. 1, p. 50-65, 2023. DOI: https://doi.org/10.33836/interacao.v25i1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/. Acesso em: 10 fev. 2026.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

LABAN, R. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LIBANIO DANTAS DE ARAUJO, Betania; FINCO, Daniela. Artes, infâncias e devaneios da memória: formação docente e múltiplas linguagens na Educação Infantil. **Revista da FUNDARTE**, *[S. l.]*, v. 65, n. 65, p. e1639, 2025. DOI: 10.19179/rdf.v65i65.1639.

PELOTAS. **Documento Orientador Municipal: referencial curricular da rede municipal de ensino de Pelotas**. Pelotas, 2020.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. **Encantamento.** [s.d.]. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/encantamento. Acesso em: 10 fev. 2026.

SILVA, D. G. N. **Nos passos de uma dança cidadã**: o ballet clássico como agente de inclusão social e cidadania em uma ONG de Santa Maria - RS. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário La Salle (Unilasalle), Canoas, 2010. Disponível em: https://svr-net20.unilasalle.edu.br/handle/11690/578. Acesso em: 10 fev. 2026.

Recebido em: 07/04/2026.
Aceito em: 09/06/2026.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Claudilene Castro de Lima
Pesquisadora-artista-professora. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Especializanda em Artes pela mesma Instituição. Graduada em Dança-Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas / RS - UFPel (2024). Membro da Equipe do Projeto de Pesquisa Mapeamento da Dança no Rio Grande do Sul - UFPel (2020-2022). Associada na ANDA - Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (desde 2021). Especializanda em Metodologia de Ensino de Artes, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI. Colaboradora do Projeto Unificado com Ênfase em Pesquisa Tendências Epstemo-Metodológicas da Produção de Conhecimento em Artes (UFPel) e do OIAPODAN - Observatório Ibero-americano de políticas para a dança. Diretora e intérprete-criadora da Performance "ARTRÍSTICO" (2024), uma obra performática fruto do seu Trabalho de Conclusão de Curso em Dança-Licenciatura (UFPel). Criadora e Diretora do Espetáculo "Dançar-se: Qual é o Corpo que Dança?" (2024), espetáculo oriundo do componente curricular Montagem Cênica II do Curso de Dança-Licenciatura (UFPel). Caminha por metodologias guiadas pela prática, onde o fazer se torna pensamento e o corpo, linguagem. Seus estudos habitam as interfaces entre dança e saúde (principalmente Dança e Artrite Reumatoide(, a educação somática, a inclusão e a diversidade corporal, afirmando o corpo como território de escuta, cuidado e criação. Entre gestos, experiências e atravessamentos, constrói uma prática que entrelaça arte, educação e vida. Artista do corpo que pesquisa enquanto dança e dança enquanto pesquisa. Assina pelo nome artístico Di Lima. Atua com assessoria acadêmica em escrita científica, com ênfase na formatação e revisão das normas vigentes, sendo especialista nas normas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8473-7066
E-mail: di-dancaufpel@outlook.com

Andrisa Kemel Zanella
Professora adjunta dos cursos de Dança Licenciatura e Teatro Licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com período sanduíche na Universidade Fernando Pessoa (Porto/Portugal) pelo PDSE/CAPES. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pedagoga pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e Bacharel em Artes Cênicas - habilitações Direção e Interpretação Teatral pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM/UFPel). Coordenadora de área de gestão do PIBID/UFPel (Edital 2024). Mãe da Ana Liz, esteve em licença-maternidade entre 2022 e 2023.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9769-9679
E-mail: andrisakz@gmail.com

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE

LIMA, Claudilene Castro de; ZANELLA, Andrisa Kemel. A DANÇA COMO VIVÊNCIA FORMATIVA NA PRIMEIRA INFÂNCIA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p. 1-24, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br